

PASSAGEM AO ATO NA PSICOSE: UM ESTUDO CLÍNICO NA PSICANÁLISE

Iançã Maués de QUEIROZ¹

Teresa Cristina Martins KOBAYASHI²

¹Graduanda de Psicologia da Faculdade Estácio de Macapá. e-mail: iancamaues@gmail.com.

²Professora Mestre Orientadora da Faculdade Estácio de Macapá. e-mail: kteresacristina@gmail.com.

RESUMO: A passagem ao ato, a partir da psicanálise, trata-se de uma forma de estabilização do sujeito psicótico para se defender de uma angústia ocasionada pelo encontro com o Outro, ou seja, seria uma tentativa de “cura” encontrada pelo psicótico, contudo, uma tentativa perigosa, pois remete a atos violentos, agressivos e até criminosos. A pesquisa tem como objetivo analisar a passagem ao ato na psicose de acordo com a Psicanálise. Para tanto, será feita a análise do clássico caso das Irmãs Papin, duas empregadas modelo que assassinaram de forma brutal suas patroas, caso este que foi estudado por Jacques Lacan em 1932. Também serão identificadas possíveis contribuições para a psicose, no que tange a formas de estabilização para psicóticos. Como metodologia proposta tem-se uma pesquisa de cunho qualitativo, realizada por meio de pesquisa bibliográfica. A partir dos resultados obtidos, pode-se pensar sobre o campo das estabilizações na psicose e como a Psicanálise pode contribuir na condução desta clínica, possibilitando ao psicótico uma estabilização diferente da passagem ao ato, em vista de que esta não favorece o seu laço social e o seu bem estar.

PALAVRAS-CHAVE: Psicose. Passagem-ao-ato. Psicanálise. Lacan. Irmãs Papin.

ABSTRACT: The passing to the act, starting from the Psychoanalysis, it is a way of stabilization that the subject psychotic find front a anguish occasioned by the appointment with the Other, in other words, is an attempt to “cure”, however, a dangerous attempt, because refer to violent acts, aggressive, and even criminals. The research aims analyze the passing to the act in psychosis, according to Psychoanalysis. Therefore, will be made the analysis of classic case Papin Sisters, two models maid that murdered brutally his mistresses, this case was studied by Jacques Lacan in 1932. It will also be made possible contributions to passing to the act, concerning forms of stabilization for psychotics. How proposal methodology, it has a qualitative research realized by means of bibliographic research. From the results obtained, can think about the field of psychosis stabilizations and how the Psychoanalysis can contribute at the conduction in this clinic, making capable to the psychotic a different form to stabilization for passing to the act, in function of this cure attempt to cure glimpsed by the psychotic, does not favor your social brotherhood and his well-being.

KEYWORDS: Psychosis. Passing to the act. Psychoanalysis. Lacan. Papin Sisters.

1 INTRODUÇÃO

O presente texto propõe-se a analisar a passagem ao ato na psicose, sendo este último termo introduzido por Ernst Von Feuchtersleben (1806-1849), psiquiatra austríaco, para substituir o vocábulo *loucura*. Mais tarde retomado por Freud, que inscreveu a psicose no interior de uma estrutura tripartite que diferencia da neurose e da perversão, ditas estruturas

clínicas psicanalíticas. (ROUDINESCO; PLON, 1958)

Freud pouco escreveu sobre a psicose, até mesmo duvidou do tratamento com psicóticos a partir da Psicanálise, mas ainda assim produziu uma importante contribuição para esta clínica, apontando a existência de um mecanismo diferente na psicose, a rejeição (*verwerfung*), um mecanismo que nega a castração. Lacan, utilizando-se destes estudos freudianos, estabelece o conceito

deforaclusão¹, que se encontra no cerne do funcionamento psicótico.

Uma das formas de estabilização da psicose é a passagem ao ato, que a partir da Psicanálise pode ser entendida como uma forma de estabilização que o sujeito psicótico encontra frente a uma angústia ocasionada pelo encontro com o Outro². Alguns autores se referem a ela como uma forma de “cura” encontrada pelo psicótico, contudo, uma forma perigosa devido às suas características agressivas. Lacan foi quem formalizou sobre esse termo, “passagem ao ato”, que não é psicanalítico e que também não surgiu na sua prática, mas sim na clínica psiquiátrica clássica, introduzido pela criminologia no século XIX. Foi neste século que surgiram os primeiros trabalhos relacionando loucura e crime. Nesta primeira noção psiquiátrica, o sujeito podia ser conduzido a ações delituosas e homicidas, fazendo entrar na patologia mental condutas criminosas que até então interessavam somente à justiça. (DUTRA, 2000).

Observa-se assim que a psicose muito já foi abordada por teóricos quanto a sua

¹É entendido a partir de Lacan como o mecanismo específico da psicose, que se torna diferente do recalque (mecanismo da neurose) por que o significante foracluído, ou os que o representam, não pertencem ao inconsciente do sujeito, retornando (no real) por alucinação ou delírio que invade a fala ou percepção do sujeito. (ROUDINESCO; PLON, 1958)

² De acordo com Quinet, O Outro é o lugar onde o sujeito é mais pensado do que efetivamente pensa. “É o arquivo dos ditos de todos os outros que foram importantes para o sujeito em sua infância e até mesmo antes de ter nascido” (2011, p. 21).

possível propensão à violência e ao crime, mas Dutra (2000) afirma que de acordo com o estudo de variados autores, não eram levados em consideração os aspectos psicológicos do indivíduo. Nota-se que a psiquiatria intitulava os crimes de tais doentes como imotivados, pois a causalidade orgânica se sobrepunha aos indivíduos com transtornos mentais. Contudo, Lacan, ao trazer as noções de significante, de Outro e de Gozo (CAMPOS, 2009), juntamente com Guiraud—ao insistir nas questões inconscientes como forças motivadoras ao crime (DUTRA, 2000)—que a Psicanálise cria uma noção de passagem ao ato diferente da psiquiatria clássica.

Propõe-se neste estudo, também, analisar um caso clínico da Psicanálise, caso este que foi estudado por Jacques Lacan em sua tese de doutorado em Medicina (1932). Trata-se do caso das Irmãs Papin, duas empregadas de uma família burguesa da sociedade Parisiense que assassinaram de forma brutal suas patroas. Assim como também o de identificar possíveis contribuições para a passagem ao ato.

2 CASO CLÍNICO IRMÃS PAPIN

“Mudos atalhos afora, na soturnidade de alta noite, eu e ela caminhávamos. Eu, no calabouço sinistro de uma dor absurda, como de feras devorando entranhas, sentindo uma sensibilidade atroz morder-me, dilacerar-me. Ela, transfigurada por tremenda alienação, louca, rezando e soluçando baixinho rezas bárbaras. Eu e ela,

ela e eu! – ambos alucinados, loucos, na sensação inédita de uma dor jamais experimentada.”

Cruz e Sousa, (Balada de Loucos).

Em 2 de fevereiro de 1933 foram encontrados os corpos de Madame Lancelin e sua filha. Ambos haviam sido espancados até o ponto de estarem irreconhecíveis. Suas unhas foram arrancadas, e de modo mais assustador, seus olhos também. No chão percorria uma mancha de sangue densa pelo tapete, quase como um musgo. Os olhos de Madame Lancelin haviam sido arrancados e encontrados nas dobras do lenço no pescoço. No corpo de Madame Lancelin e sua filha, encontravam-se diversos golpes de faca. As duas empregadas foram encontradas em seu quarto no andar de cima, na cama juntas, nuas e abraçadas.

As irmãs Christine (28) e Lea Papin (21), consideradas empregadas modelo foram as autoras do crime. Como motivo, alegaram ter sido devido a um curto-circuito gerado na casa das patroas, ocasionado pelo descuido de Lea ao passar roupa. No julgamento, as irmãs ainda afirmaram serem bem tratadas por Madame Lancelin. A relação entre elas era praticamente não verbal. Christine e Lea afirmavam que saberiam as atitudes e algumas ordens da Madame apenas pelo comportamento e pelo olhar.

Não surpreendentemente, elas foram consideradas culpadas de assassinato e Christine foi condenada à prisão perpétua. No entanto, sua condição deteriorou-se

rapidamente, apresentando surtos psicóticos como os do crime. Morreu em 1937. Lea, por sua vez, manteve-se quieta enquanto estava na prisão. Foi liberada depois de oito anos. Faleceu em 1982.

Sobre a história familiar, há Clemence, mãe das irmãs, que não as criou, mas sim as internou e retomou-as várias vezes. Expressando assim seu domínio sobre as irmãs, como se fossem meros objetos seus. O pai, alcoólatra e bruto, abandonou as filhas cedo. Acredita-se que tenha abusado de uma delas.

3 O QUE É A PASSAGEM AO ATO?

O ato foi introduzido na psicanálise como um ato sintomático, sendo também considerado com uma resposta do sujeito ao mal-estar, assim como a inibição, o sintoma e a angústia. Freud foi quem iniciou as interpretações de tais atos, que foram nos casos como o de “Dora” (1996[1905(1901)]), e em “Psicopatologia da Vida Quotidiana” (1996[1901]), em seu texto “Recordar, Repetir e Rememorar” (1996[1914]) que traz a noção de acting out, e no caso da “Jovem Homossexual” (1996[1920]) no qual Freud aponta para mais uma modalidade, diferente do acting out e dos atos sintomáticos, sendo esta terceira modalidade intitulada por Jacques Lacan de passagem ao ato, como na noção psiquiátrica (CALAZANS, 2010).

Lacan (2005), no Seminário, livro 10, a angústia, explica sobre o momento da passagem ao ato, o qual ocorre quando há um embaraçamento maior do sujeito. Para isso, o autor retorna ao termo “*largar de mão*” empregado por Freud no caso “Jovem Homossexual”, e explica:

“Esse *largar de mão* é o correlato essencial da passagem ao ato. (...) O momento da passagem ao ato é o do embaraçamento maior do sujeito, com acréscimo comportamental da emoção como distúrbio do movimento. É então que, do lugar em que se encontra – ou seja, do lugar da cena em que, como sujeito fundamentalmente historizado, só ele pode manter-se em seu status de sujeito –, ele se precipita e despenca fora da cena.” (LACAN, 2005)

De acordo com Calazans (2010), na passagem ao ato não há distinções entre os lugares do sujeito, do objeto, da angústia e do Outro, pois Lacan entende a passagem ao ato como um deixar-se cair, um largar de mão que se refere ao objeto a^3 “em sua conotação mais característica, uma vez que está ligada diretamente à função de resto” (LACAN, 2005[1962-1963], p. 129, apud CALAZANS, 2010, p. 250), bem como, Lacan também fala sobre qual lado esse resto (objeto a) está na passagem ao ato: do lado do sujeito. Assim, “a passagem ao ato não situa a quadripartição que permite uma estrutura e um discurso; ao contrário, ela indica que esta estrutura de

ficção não se sustenta mais por haver um curto-circuito entre sujeito e o objeto.” (p. 250). Dessa forma percebe-se que a passagem ao ato seria uma resposta para este curto-circuito, pois o sujeito se veria no lugar do objeto a , neste lugar de intersecção do Outro, lugar de resto, e operaria uma saída de cena, como afirma (HARARI (1997), apud, BRUNHARI; DARRIBA, 2014) um rompimento com o Outro. O sujeito caminha para sair de cena.

Ao relacionar a passagem ao ato com a psicose, de acordo com a psicanálise, nota-se a não inscrição do Nome-do-Pai⁴ nesta estrutura. Sendo que é através do Nome-do-Pai que é possível a significação do desejo como falta, contudo isto não acontece, o que vincula a uma “operação de separação que não ocorreu” (SALUM, 2009, apud COSTA; GONÇALVEZ; MENDES, 2012, p. 5). Ou seja, na psicose, a extração do objeto a não ocorre e como consequência não há a realização da castração com seus efeitos de organização simbólica.

A castração implica o recorte de gozo, que localizado, separa o sujeito do campo do Outro. Como na psicose o objeto a não é extraído, o gozo não articulado e contido pela linguagem, retorna como real em excesso. Por essa razão, o psicótico permanece identificado à posição de gozo do Outro, oferecendo-se como objeto no lugar da falta que não

³ Termo conceituado por Lacan no Seminário 11, em 1964. “O objeto a (...) vale como símbolo da falta, quer dizer, do falo, não como tal, mas como fazendo falta. É preciso então que isso seja um objeto – primeiramente separável – e depois tendo alguma relação com a falta” (LACAN, 1964, p. 101).

⁴Nome-do-Pai trata-se de qualquer expressão simbólica produzida pela mãe ou pelo filho, representando a instância terceira, paterna, da lei da proibição do incesto (NASIO, 1997).

se inscreveu pela castração.
(AMANCIO, 2012)

Assim, na psicose, a passagem ao ato desempenha a reação de um sujeito caracterizada por uma profunda radicalidade, quando ele é confrontado ao que é como objeto *a*, ao qual ele se identifica e se reduz.

Amancio (2012) e Dutra (2000) colocam que a passagem ao ato na psicose seria uma tentativa de realizar a castração simbólica pelo real. É a tentativa que o psicótico faz para obter a extração do objeto *a*, ponto de gozo que o invade e o submete, e ao mesmo tempo, a separação radical do Outro. Extrair o objeto representaria uma possibilidade de libertação para o sujeito, já que se trata dele mesmo do campo do Outro. Para Lacan (1962, apud DUTRA, 2000) o ato pode consistir como uma certeza para o sujeito. Representaria o avesso do pensamento (incerteza). Seria um “não” dirigido ao Outro, promovendo a separação.

Segundo Dutra (2000), o encontro com o Outro gozador será uma condição essencial para que haja o desencadeamento de uma passagem ao ato na psicose. Maleval (1991, apud DUTRA, 2000), explica que a passagem ao ato torna-se uma saída para o psicótico, para defender-se de uma angústia ocasionada pelo encontro com o Outro gozador. “O sujeito não consegue operar eficazmente uma mobilização delirante do significante. Com a falência do recurso simbólico, não restaria ao psicótico outra

possibilidade que não fosse o sacrifício de um objeto real.” (MALEVAL, 1991, apud DUTRA, 2000, p.54).

4 ANÁLISE DO CASO DAS PAPIN

Para a análise da passagem ao ato no caso das irmãs Papin, será feita a leitura da análise que Lacan propôs em seu doutorado em 1932, presente no livro *Da psicose paranoica e suas relações com a personalidade*, e, posteriormente, hipóteses de acordo com a fundamentação teórica aqui proposta.

Lacan (1987) inicia citando traços clássicos da paranóia, que seriam: “um delírio intelectual que varia seus temas das idéias de grandeza às idéias de perseguição”, “reações agressivas, com muita frequência homicidas”, e “uma evolução crônica.” (LACAN, 1987, p. 384).

Em seguida propõe que a base da psicose seria uma pulsão agressiva, que seria atuada no assassinato e justificada pelo delírio. Para Lacan, o delírio se desapareceria na realização do ato, o que poderia justificar os primeiros meses da prisão de Christine, nos quais se manteve sem apresentar indícios de sintomas delirantes.

O autor também é enfático ao falar sobre o cuidado que se deve ter ao ouvir “tais doentes”, pois suas declarações, mesmo estranhas, dizem sobre a loucura que uma

consciência arrebatada pode construir sobre o falo e a castração feminina.

Dessa forma, a partir da castração pontuada pelo autor, infere-se que ao perceber a história de vida das irmãs, nota-se a ausência de um pai real. Toledo (2004) afirma que a ausência do pai real se estendeu à ausência de um pai simbólico, que seria capaz de introduzir a função da metáfora paterna, o Nome-do-pai. “É por causa da ausência desse significante que a situação de injunção simbólica teve como resposta o delírio que culmina no ato criminoso” (TOLEDO, 2004, p.83).

“Para Lacan, as irmãs desejavam suas vítimas, assim como viam nessas a imagem de seu mal. A metáfora “arrancar-lhe os olhos” ganha literalidade no ato criminoso. Os olhos são o primeiro foco do ataque, tal qual ocorria na castração das bacantes” (TOLEDO, 2004, p. 81). O fato mais aterrorizante do crime, o arrancar dos olhos das vitimas ainda vivas, seria então uma forma de realizar a castração, uma castração que não houve no simbólico, mas que retornaria no real, o olhar seria tomado pelas irmãs como o objeto *a*. Seria uma forma das irmãs se separarem do grande Outro que as inundavam, mais precisamente à Cristine, que foi quem agiu de forma mais ativa no crime e quem realmente apresentou uma estrutura psicótica.

Nos pontos destacados por Lacan, como o embaraço e a emoção no momento da passagem ao ato, pode-se dizer que o

embaraço das irmãs ocorreu quando Lea queimou a roupa da patroa, causado pelo curto-circuito. Já a emoção foi desencadeada pelas palavras e olhares da patroa ao chegar na casa e encontra-la às escuras. Assim, diante desse embaraço e emoção, as irmãs passaram ao ato (CAMPOS, 2009).

Bentes (2011) também explica que, Lacan, ao tematizar sobre a passagem ao ato na psicose, visou estabelecer uma diferença simbólica no real nesta estrutura para produzir uma extração de gozo no real, que seria a razão da pacificação do gozo. Sobre o caso das Papin, a autora cita:

“Neste caso, foram extraídos os olhos no real do corpo, sobretudo por tocar a tentativa de extração do objeto *a* como *olhar*. Uma vez que o objeto é impossível de extrair pela operação simbólica, ele é extraído à custa da passagem ao ato homicida. Em seguida ao ato, ambas deitam-se juntas já livres da invasão do real.” (BENTES, 2011).

Como coloca Bentes (2011), após o crime, as irmãs deitaram-se na cama nuas, juntas e abraçadas. Lacan também faz apontamentos sobre tal ato ao falar sobre o delírio a dois, muito criticado na época, pois achavam impossível de ter acontecido no caso das irmãs. Contudo, confronta e diz que o delírio a dois é uma das formas de psicoses mais reconhecidas, e que geralmente são produzidas entre parentes próximos. Sobre isso Lacan (1987) fez uma inferência a respeito das irmãs como “verdadeiras almas siamesas” (p. 390), casal psíquico, a qual

Nasio (2001) coloca que, na verdade, havia um vínculo sempre assimétrico entre as irmãs, pois, “era Christine quem protegia, ensinava, ordenava, mimava e consolava, enquanto Léa se deixava amar. Não estamos diante de dois seres idênticos, mas antes, da roupa e seu forro, do original e sua cópia, da voz e seu eco” (p. 200).

Faz-se interessante notar o questionamento de Nasio sobre o que pode ter levado as irmãs ao “ato selvagem”(p. 194), seria o ferro de passar com defeito? Um fusível queimado? “Talvez um olhar de censura, um brilho de humor nos olhos da Sra. Lancelin, e tudo desmoronou.” (NASIO, p. 194, 2001).

Nasio (2001) descreve a relação das irmãs com as “observações”, os olhares da patroa, como um traço estranho e inquietante. Essas duas mulheres pareciam possuir uma susceptibilidade a qualquer forma de observação, sobretudo Christine, que não admitia observações nem de sua mãe Clemence que a enchia de críticas, igualmente à patroa. “Qualquer observação lhe era absolutamente intolerável — uma ferida narcísica vivida como persecutória, que comportava para ela, infalivelmente, um suposto prazer do outro em humilhá-la” (NASIO, 2001, p. 200). “O que terão dito mãe e filha quando, ao retornar, descobriram o pequeno desastre?” (LACAN 1933-34/2007: 146, apud, BENTES, 2011). O olhar parece ter tido um efeito de suma importância, como

afirma Nasio (2001): “esse olhar disse: *“Vocês não prestam para nada”*. Era muito mais do que uma simples perseguição.”(p. 210). Tratou-se de um olhar que invadiu, um Outro onipotente, que tudo sabia e tudo via, que comprovou então, a diferenciação entre o eu e o Outro, fato que não ocorreu na passagem pelo Édipo, pela castração (TOLEDO, 2004).

Quinet (2011) explica que a forclusão do Nome-do-pai “equivale ao surgimento nesse mesmo campo do objeto *a* como olhar ou voz na clínica da psicose. A suplência ao Nome-do-pai visa a constituição de um anteparo a esse objeto mais-de-gozar, causa de angústia que o vigia, ordena e vilipendia o sujeito” p. (218). Ou seja, o Nome-do-pai teria a função de barrar o objeto *a*, contudo, ele é foracluído, permitindo assim que surja na psicose como olhar ou voz. Dessa forma, o ato de arrancar os olhos pode ser lido como uma tentativa de domesticar o olhar que submete o sujeito à condição de objeto do Outro.

Pode-se dizer que na noite do dia 2 de Fevereiro, as irmãs Lea e Christine Papin depararam-se com o Outro Gozador, com o Outro que as submetiam, com o Outro que evidenciou o que as irmãs não queriam saber, a forclusão.

5 POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES PARA A PSICOSE

Partindo das contribuições que a Psicanálise pode oferecer para o tratamento de psicóticos no que tange a uma estabilização psicótica diferente da passagem ao ato, pode-se ressaltar a criação artesanal ou artística (escrita, pintura) ou mesmo a metáfora delirante, apontada por Freud como forma de estabilização e posteriormente formalizada por Lacan.

De acordo com Poli e Mesquita (2014), as criações e obras de arte são construções que permitem ao sujeito psicótico uma sustentação subjetiva. Percebe-se, por exemplo, que a partir de uma criação artística ou artesanal, o sujeito consegue realizar a extração real do objeto *do* campo do Outro, o que como foi mencionado, não foi realizado pela castração. O seu gozo seria então localizado no produto extraído. Haveria uma extração e haveria também um produto dirigido ao Outro, possibilitando o seu laço social (GUERRA, 2010). Assim, como afirma Oliveira (2006), a arte pode ser lida como uma tentativa de “domesticar” o gozo do olhar do Outro que invade o sujeito.

A pintura permite desviar o olhar do outro do sujeito-objeto para a obra artística, o objeto. O sujeito “faz a pintura pra (...) fixar, desviar de si o olhar mortífero do outro” (OLIVEIRA, 2006).

A metáfora delirante, por sua vez, seria uma forma do sujeito buscar reconstruir o sentido que se perdeu da “dissolução imaginária do mundo” (OLIVEIRA, 2006, p. 3). Seria uma maneira de suprir a falta do Nome-do-Pai “de modo que as coisas readquirissem certa consistência, amenizando ou barrando o gozo do Outro” (OLIVEIRA, 2006, p. 3). Assim, entende-se que a metáfora delirante é capaz de proporcionar o surgimento de significações que contribuam para a estabilização dos sintomas alucinatórios, pois ela “organiza de forma delirante uma diferenciação de sua experiênciapsíquica e a expressão da realidade por intermédio do Outro” (MARQUES; TOLEDO; GARCIA, 2012, p. 118).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa trouxe o questionamento de como ocorre a passagem ao ato na psicose. Como um sujeito é levado ao crime ou a uma agressividade perigosa, como o ilustrado no clássico caso das Papin.

Notou-se então, que o sujeito psicótico possui uma estrutura própria. Nos estudos de Freud e principalmente de Lacan pôde ser encontrado que a psicose se trata de uma estrutura clínica e que possui no cerne do seu funcionamento a Forclusão do Nome-do-Pai, sendo este um fator de suma importância para a análise da passagem ao ato, pois, por haver

a Forclusão, não ocorre a castração e a extração do objeto *a*, o qual o sujeito se identifica e se reduz. Assim, a passagem ao ato pode ser entendida como a reação de um sujeito quando ele é confrontado ao que é como objeto *a*. Seria a tentativa de realizar a castração simbólica no real. Trata-se, então, de uma forma de apaziguamento do psicótico frente a uma angústia ocasionada pelo Outro, que o submete e o invade.

Faz-se necessário ressaltar que devido às características da passagem ao ato, esta não deve ser encorajada na clínica da psicose, pois se trata de uma forma de estabilização que afasta o sujeito do seu laço social. É importante que equipes multidisciplinares que atuem no campo da Saúde Mental conheçam a clínica da psicose, seus mecanismos e singularidades, para que assim possam ser facilitadores no processo terapêutico, proporcionando formas de estabilização diferentes da passagem ao ato por meio de criações artesanais, oficinas terapêuticas ou mesmo a metáfora delirante, possibilitando ao sujeito psicótico que ele próprio crie novos significantes e se posicione diante da sociedade com suas singularidades psíquicas.

7 REFERÊNCIAS

AMANCIO, V. R. **Uma clínica para o CAPS: a clínica da psicose no dispositivo da Reforma Psiquiátrica a partir da direção da psicanálise.** Curitiba, PR: CVR, 2012.

BENTES, L. V. G. **As patologias do ato.** Tese (Doutorado em Psicanálise). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia/Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Rio de Janeiro, maio. 2011. Disponível em: <http://www.pgpsa.uerj.br/Teses/2011/Tese_Lenita.pdf>. Acesso em: 23 Mar. 2015

BRUNHARI, M. V.; DARRIBA, V. A. O suicídio como questão: melancolia e passagem ao ato. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 26, n.1, p. 197-213, jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652014000100013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 Mar. 2015

CALAZANS, R. BASTOS, A. Passagem ao ato e acting-out: duas respostas subjetivas. **Fractal: revista de psicologia**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 245-256, ago. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922010000800002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 Maio 2015

CAMPOS, M. E. F. G. **Crimes do supereu: da insensatez das leis às suas ficções.** Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/TMCB-7WVLTR>>. Acesso em: 10 Abr. 2015

COSTA, I. S.; GONÇALVEZ, C. M.; MENDES, P. F. G. Crime e passagem ao ato. **Psicologia pt: o portal dos psicólogos**. 2012. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0796.pdf>>. Acesso em: 10 Abr. 2015.

DUTRA, M. C. B. As relações entre psicose e periculosidade: contribuições clínicas da concepção psicanalítica da passagem ao ato. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. III, n.4, p. 48-58,

dez. 2000. Disponível em:
<http://www.fundamentalpsychopathology.org/uploads/files/revistas/volume03/n4/as_relacoes_entre_psicose_e_periculosidade.pdf>.
Acesso em: 23 Mar. 2015

GUERRA, A. M. C. **A psicose**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

LACAN, J. (1901-1981). **O Seminário - A Angústia - Livro 10**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. **Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

_____. (1955). **O Seminário - Livro 3 - As Psicoses**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

MARQUES, N. A.; TOLEDO, V. P.; GARCIA, A. P. R. F. Significação da psicose pelo sujeito e seus efeitos para a clínica da Enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 65, n. 1, p. 116-120, fev. 2012. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672012000100017&lng=en&nrm=iso>.
Acesso em: 02 Ago. 2015.

NASIO, J. D. **Os grandes casos de psicose**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

OLIVEIRA, M. D. A. de. A arte enquanto possível direção do tratamento na clínica da psicose: relato de caso. **Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool de Drogas – SMAD**. v. 2, n. 2, p. 01-17, ago. 2006. Disponível em:
<<http://www.revistas.usp.br/smad/article/view/38642>>. Acesso em: 02 Ago. 2015.

POLI, M. C.; MESQUITA, D. B. G. Arte & Psicose: A Obra de Arthur Bispo do Rosário. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 34, n. 3, p. 612-624, set. 2014. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-

98932014000300612&lng=en&nrm=iso>.
Acesso em: 02 Ago. 2015

QUINET, A. **Os outros em Lacan – Col. Passo a Passo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

_____. **Teoria e Clínica da Psicose**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

TOLEDO, K. de. Psicose e desencadeamento: sustentação e ruptura. **Mental**, Barbacena, v. 2, n. 3, p. 75-87, nov. 2004. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272004000200007&lng=pt&nrm=iso>.
Acesso em: 03 Abr. 2015.